

# Eugénio de Andrade – Arrepio na tarde

Não sei quem, nem em que lugar,  
mas alguém me deve ter morrido.  
Senti essa morte num arrepio da tarde.  
Qualquer amigo, um dos vários  
que não conheço e só a poesia  
sustenta. Talvez a morte fosse  
outra: um pequeno réptil  
no sol súbito e quente de Março  
esmagado por pancada certa;  
um cão atropelado por um bruto  
que, ao volante, se julga um deus  
de arrabalde, com sucesso garantido  
junto de três ou quatro putas de turno.  
Talvez a de uma estrela, porque também  
elas morrem, também elas morrem.

**Eugénio de Andrade, Os sulcos da sede**